



UNICAMP

EVENTO: José Limón Dance Company

VEÍCULO: FOLHA DE SÃO PAULO

DATA: 15 de maio de 1995

PÁGINA: 5 - 4

SEÇÃO: ILUSTRADA



DANÇA

Companhia de José Limón visita o Brasil

Considerado parte da história da coreografia americana moderna, o grupo se apresenta em quatro capitais

ANA FRANCISCA PONZIO

Especial para a Folha

Está de passagem pelo Brasil a José Limón Dance Company, uma das companhias históricas da dança moderna norte-americana.

Ela foi fundada em 1949 por Limón (1908-1972), mexicano que aos sete anos mudou-se para os Estados Unidos com a família.

Atualmente ela é dirigida por Carla Maxwell, que foi uma das principais bailarinas do grupo.

Hoje, a José Limón Dance Company estréia em Brasília, no teatro Nacional Cláudio Santoro. Na quarta-feira realiza apresentação única em São Paulo, no Sesc Pompéia. Depois, segue para Curitiba e Salvador.

Em entrevista por telefone, Carla Maxwell falou sobre Limón e sua relação com Doris Humphrey (1895-1958), pioneira da dança moderna, que foi mentora e professora do coreógrafo.

Folha — Como a José Limón Dance Company preserva a obra de seu fundador?

Carla Maxwell — Hoje somos uma companhia de repertório. Em nossas temporadas sempre apresentamos pelo menos um clássico nosso, junto com trabalhos criados especialmente para o grupo.

Os coreógrafos que convidamos não precisam ter nosso estilo, mas devem tratar de temas relativos à condição humana.

Folha — Limón tinha um objetivo específico com a dança?

Carla — Sua meta era expressar temas densos, que preocupam todo mundo.

Folha — Limón coreografava inspirado em temas de sua época. Essas peças sobrevivem?

Carla — Por exemplo, durante o período macarthista, nos EUA dos anos 50, Limón ficou muito perturbado com a situação de modo que as pessoas enfrentavam.

O significado da traição o inquietou muito e ele quis expressá-lo em dança.

Ele recorreu à literatura e à história e realizou um espetáculo baseado na relação de Cristo e Judas. "The Traitor" estreou em agosto de 1954.

Ele tratou de assuntos com os quais as pessoas sempre se relacionam, como amor, ódio, vingança, traição, beleza, dor, tristeza e felicidade, a obra de Limón é eterna.

Folha — Os ensinamentos de Doris Humphrey, que influenciou Limón, continuam inspirando a companhia?



Coreografia da José Limón Dance Company, que se apresenta quarta-feira em São Paulo

Carla — Inúmeros elementos inspiraram Doris Humphrey, mentora e professora de Limón.

Ela expressava temas sobre o ser humano, usando-o como se nele vivessem Apolo e Dionísio.

Pensava que uma parte de nós pede harmonia, equilíbrio, e outra parte reage contra, dizendo: "enfrente o perigo, o desconhecido, explore!".

Humphrey aplicou isto a princípios básicos do movimento. E essas idéias ainda nos norteiam.

Folha — Quais suas lembranças mais marcantes de Limón?

Carla — Quando ingressei na companhia, em 1965, ele estava próximo dos 60 anos. Era um homem poderoso e forte e tinha uma tremenda capacidade criativa.

Era capaz de ficar acordado, re-

fletindo, durante a noite. Mas, quando chegava no estúdio, mostrava movimentos que pareciam escorrer torrencialmente dele.

Nós, do elenco, tínhamos apenas que acompanhar seu ritmo.

Como artista, Limón sempre procurava extremos. Dizia que, dentro de si, possuía o divino e o bestial e que, nisso, era preciso encontrar o equilíbrio.

Programa traz obra-prima do coreógrafo

Especial para a Folha

José Limón aprendeu com Doris Humphrey que o bailarino é um ser único, que não deve imitar os demais e que deve encontrar em si sua própria dança.

Recusando-se a explorar apenas a beleza formal dos movimentos, ele imprimiu dramaticidade e misticismo em temas relativos às paixões humanas.

O programa que a José Limón Dance Company apresentará em São Paulo inclui uma de suas obras-primas: "The Moor's Pavan", feita em 1949 sobre música de Henry Purcell.

Inspirada em "Othello", de Shakespeare, enfoca os contrastes psicológicos dos personagens principais. Na coreografia, utilizou pavana e algumas danças da alta renascença.

Outra peça de Limón que o grupo interpreta é a conhecida suíte de "A Choreographic Offering", de 1964.

Nesta coreografia, Limón prestou homenagem a Doris Humphrey, reunindo movimentos de diversas criações dela.

"Dançaremos apenas uma parte de 'A Choreographic Offering', que está sendo reconstruída para ser apresentada nas comemorações dos 50 anos da companhia, ano

que vem", explica Carla Maxwell.

Completa o programa a coreografia "Fantomes", de Phyllis Lamhut, com música de Jalelu-Kalbert Nelson.

Segundo Maxwell, a fisicalidade desta peça contrasta com as demais obras do programa a ser apresentada no Brasil.

Ex-colaboradora de Alvin Ailey, Lamhut costuma desenvolver temas ligados a problemas urbanos. Ela é uma das coreógrafas que vêm sendo convidadas para trabalhar com a José Limón Dance Company.

Trabalhando sempre com colaborações, a companhia hoje já possui no repertório obras de nomes

mundialmente importantes como Jiri Kylian, Meredith Monk, Murray Louis, Garth Fagan.

Além do espetáculo de quarta-feira, a José Limón Dance Company realiza na quinta, às 15h, um workshop para jovens e crianças no Sesc Ipiranga.

Às 21 horas do mesmo dia, haverá um workshop master, para bailarinos profissionais (informações pelo telefone 273-1633).

Grupo: José Limón Dance Company
Coreógrafas: "A Choreographic Offering", "Fantomes", "The Moor's Pavan"
Onde: Teatro Sesc Pompéia (r. Clélia, 93, Pompéia, zona oeste), tel. (011) 864-8544

Quando: Quarta-feira, 21h
Preço: R\$ 15,00 a R\$ 7,50

ZOETROPE

Centenário causa febre das listas

Enquete escapa do eurocentrismo

AMIR LABAKI

Da Equipe de Articulistas

A febre das listas parece ser a maior marca das celebrações do centenário do cinema. A **Folha** contribuiu com a sua na última semana, com o caderno "Os 10 Melhores Filmes". Um projeto ambicioso: solicitar de cem críticos do mundo inteiro uma lista pessoal com "as dez maiores realizações da história".

O resultado, além da edição brasileira, sai nesta semana num caderno em francês a ser distribuído em Cannes e no segundo semestre em inglês durante o Festival de Nova York.

De saída, o diferencial da pesquisa da **Folha** é sua amplitude. Sob a coordenação de Marcelo Rezende, uma centena de representantes de 27 países foram ouvidos. Tentou-se assim como que driblar o eurocentrismo tradicional deste tipo de enquete.

Há um quê de multiculturalismo, de politicamente correto, de ONU do cinema, no projeto. Lado a lado, estão o editor do "Cahiers du Cinéma" e o crítico do "Novo Jornal" de Cabo Verde, o decano Donald Ritchie (o maior especialista em Kurosawa) do "Japan Times" e a crítica uruguaia Rosalba Oxadarat da revista "Brecha".

Certamente seria outro o resultado da pesquisa caso o critério básico de escolha de votantes privilegiasse a reunião dos críticos e teóricos de cinema de maior renome e influência (alguns dos quais, justiça seja feita, presentes na enquete, ainda que ao lado de, por exemplo, sete membros da redação da revista francesa "Télérama", não exatamente uma bíblia do ramo).

Por sua vez, teria sido menos confuso para o leitor e mais preciso para com os colaboradores a organização das listas segundo um critério único — preferencial ou cronológico —, evitando a desorientante mistura de ambos que se deu.

Não se pode negar, contudo, que o universo das listas resultante representa certa massa crítica atual. Entre os mais votados, filme a filme ("Cidadão Kane", "A Regra do Jogo", "O Encouraçado Potemkin", "Oito e Meio", "Rashomon", "Aurora", "Viagem a Tóquio", "Um Corpo Que Cai", "Amarcord" e "Apocalypse Now", por ordem decrescente de número de votos), não há maiores surpresas.

Chama a atenção, claro, que Fellini tenha emplacado dois títulos numa disputa tão renhida, mas um fator conjuntural (sua morte recente) por certo tem a

ver com isso.

A ausência de comédias da relação dos dez, notada por Sílvia de Abreu, deve-se sim a certo menosprezo ao gênero, mas cumpre notar que os filmes de Chaplin foram muito citados, ainda que individualmente não tenham concentrado votos suficientes (fosse a lista de uma dúzia, "Tempos Modernos" lá estaria).

A mesma dispersão vitimou John Ford, que teve oito filmes lembrados, um deles, "Rastros de Ódio", alcançando o décimo-primeiro posto.

A lista de escolhidos reafirmou o declinante encanto da era muda sobre a sensibilidade contemporânea. O conservadorismo narrativo também marca presença, com o virtual esquecimento das vanguardas (mesmo Buñuel parece pouco lembrado) e até das experiências mais próximas das "novas ondas" dos anos 60 (Godard ainda se faz representar por vários títulos, mas Resnais foi sensivelmente subestimado).

A nostalgia como sempre impera: menos de 7% dos títulos citados datam dos anos 80 e 90; entre os dez, o mais recente ("Apocalypse Now") já conta bem década e meia.

Menos que a uma pretensa decadência do cinema como arte, isso parece resultar de uma espécie de reflexo "estetizante": o filme que assisti com refrigerante e pipoca no cinema, ou numa sessão privada de vídeo num final de noite, aquele cujo lançamento há pouco testemunhei ou de cujo debate ontem, no calor da hora, participei, este não parece merecer o status de candidato ao Olimpo do Grande Cinema.

Para tal, como que se exige algum tipo de elaboração crítica posterior à sua aparição; o filme só se tornaria "arte" após alguma acumulação de trabalho crítico, se possível acompanhado de estima social (não "culto"; o filme "cult", imediatamente aclamado, é assim uma espécie de antítese do filme "de arte").

Ao fim de tudo, esta quase previsibilidade dos filmes eleitos pelo heterodoxo e polêmico grupo consultado pela **Folha** parece confirmar a existência se não de um cânone cinematográfico internacionalizado, ao menos de uma cinemateca de referência ideal.

O cinema talvez não tenha cumprido a utopia eisensteiniana da obra de arte total, porém firma-se cada vez mais como uma espécie de esperanto audiovisual. Em apenas cem anos, não é nada mal.